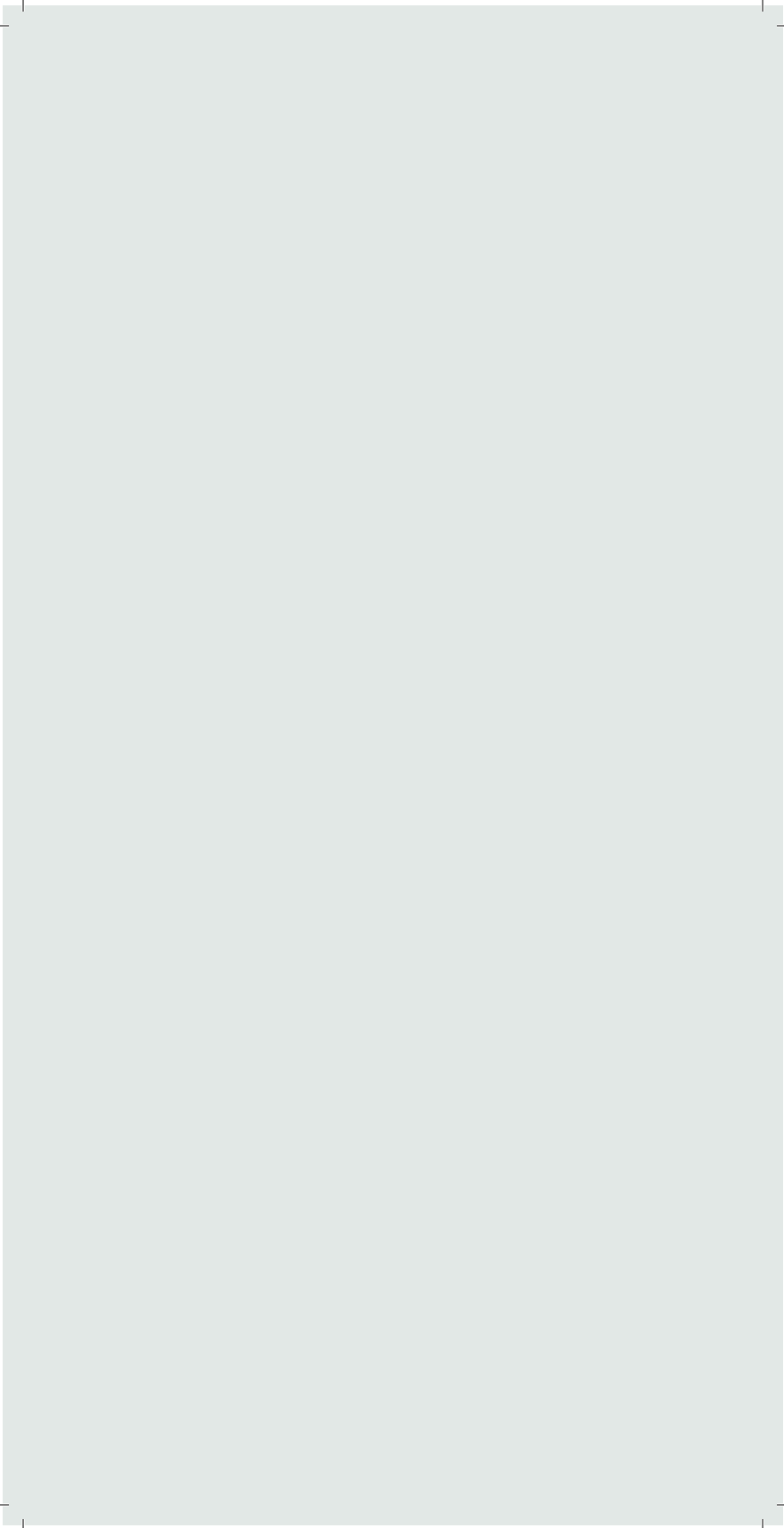
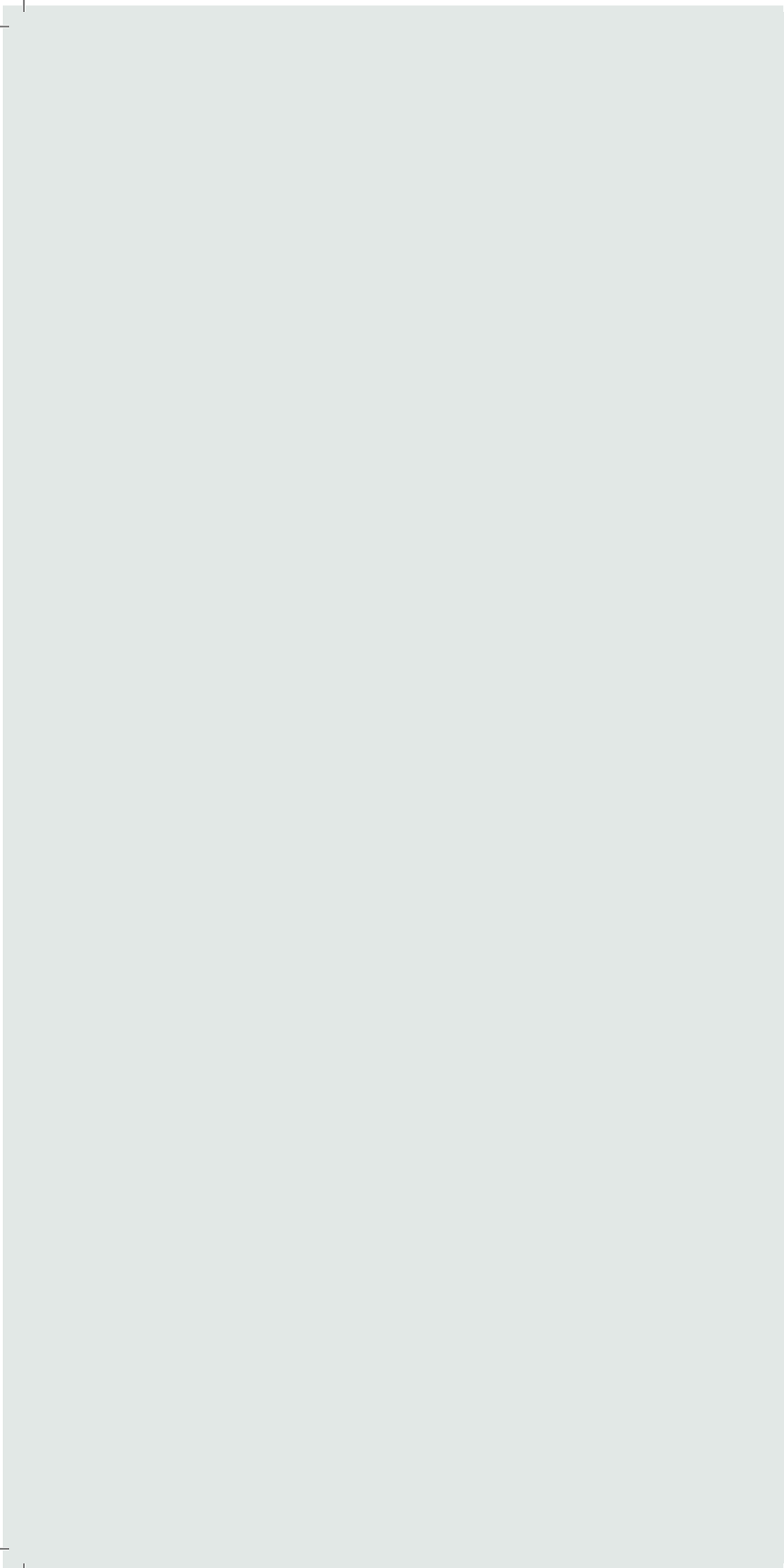


*La beauté sera convulsive  
ou ne sera pas*





CAMPANICE

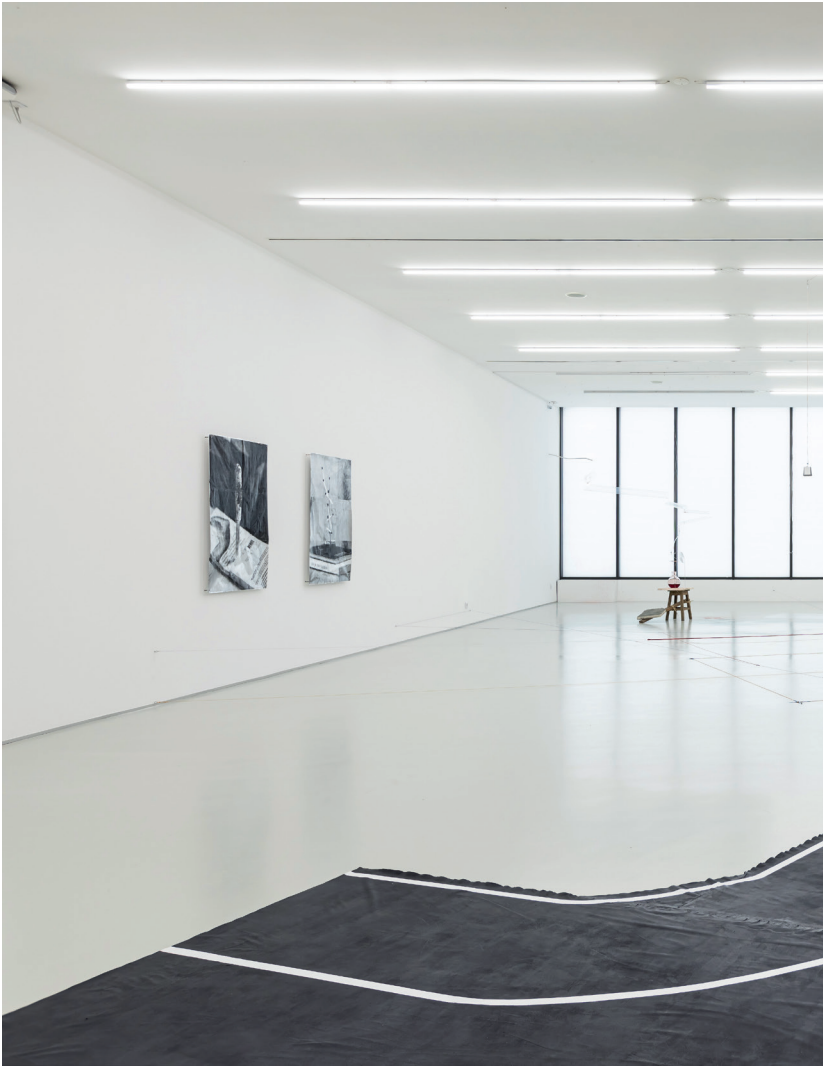
FÓRUM ARTE BRAGA

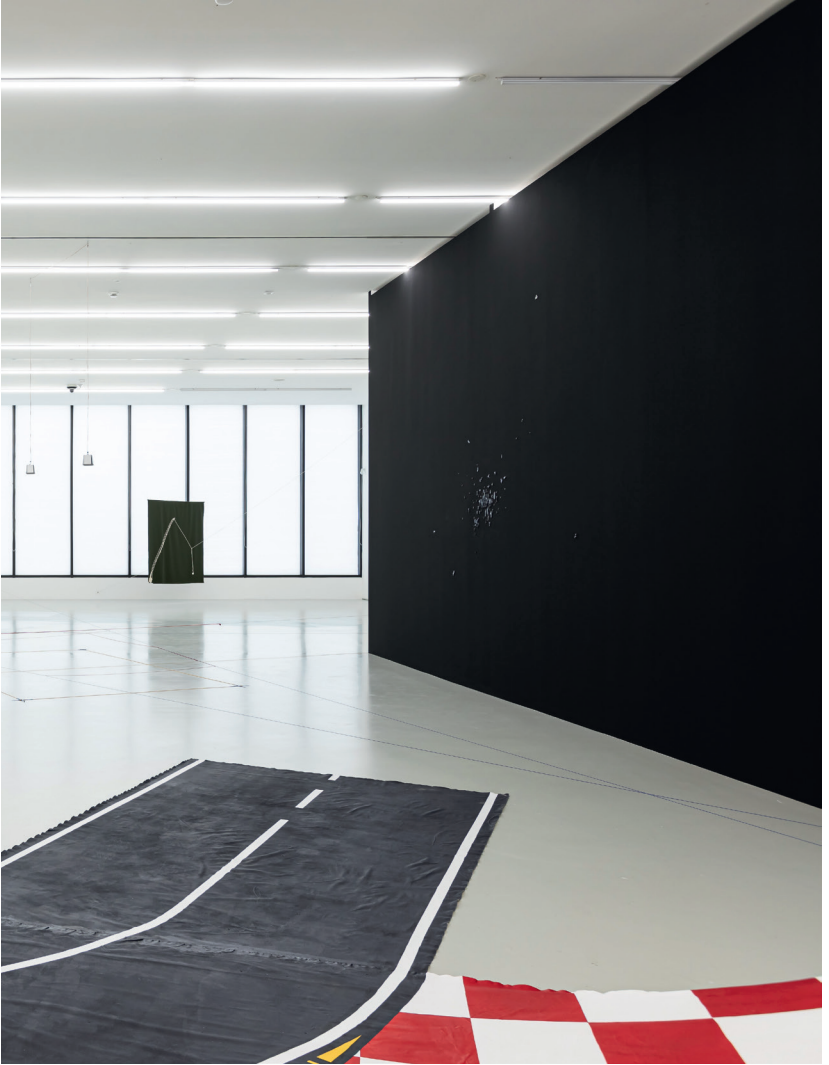


CURADORIA DE EDUARDA NEVES

*La beauté sera convulsive  
ou ne sera pas*

ACCA - ANDRÉ COVAS E CARMO AZEREDO;  
FRANCISCO VENÂNCIO; RÚBEN FERNANDES; CARLOS MENSIL;  
DIANA GEIROTO; PAULO MARIZ; JORGE LOURENÇO;  
CAROLINA GRILO SANTOS; PATRÍCIA GERALDES;  
FRANCISCO MOURA RELVAS.







< Há exposições que incorporam o deslumbramento, a incerteza, o interdito e a liberdade. Como Nadja, aproximam-nos de um campo magnético. Transformam-se, afastam-se, atraem e operam como linhas de força.

São potência e fluxo. Convocam lugares nos quais impera um certo delírio silencioso. Cerimónias de feiticeiras, objectos encantados, árvores que percorrem o ar, monstros marinhos.

Uma dança.

Foi Gabriel Orozco que escreveu: “a verdadeira questão é: o que é um espaço?” >

*“O Idiota que grita e torce os ombros para escapar ao nada que o aprisiona — é o nascimento do primeiro homem e o seu primeiro movimento na direcção da liberdade, ou o último sobressalto do moribundo?” (Michel Foucault)*

< Entre as obras e a história presente ocorrem filiações imaginadas. Nadja — o espaço vazio que desafia o excesso e uma certa poética da escolha. Sem as fórmulas da harmonia, unidade, interioridade, assinatura. Apenas a fragilidade do espanto.>

*“Sempre vivi como se não tivesse nenhuma possibilidade de me aproximar de um modelo qualquer da existência.”*  
(Marguerite Duras)

< Há exposições que são uma intenção de vida ou uma alma errante como a de Nadja. Sem limite nem compromisso. Enlouquecidas. Através delas experimentamos a subversão da longa monotonia e a leveza das clareiras que nos mostram a inesgotável combinação entre plantas, pedras e animais. Outras figuras reclamam o sonho. A noite assinala a mais profunda alegria que o dia esconde em segredo. >

< Deambular pela beleza. Sem alicerces. Em desvios. Sem epígrafes. A possibilidade de cada um sair do abrigo e alcançar todas as encruzilhadas do mundo.  
Uma máquina imortal. >

< Platão e Aristóteles. Séculos que nos contam o poder do fogo e do frio, dos livros e do prazer. A arte torna-se as formas do seu esquecimento. As sombras do tempo. Uma espada e um labirinto. O rumor e o desejo. >

*“Vi o universo e vi os íntimos desígnios do universo.(...)  
Vi o deus sem rosto que há por trás dos deuses.”  
(Jorge Luís Borges)*

< Nadja. Uma obra escrita em 1928, revista e reeditada em 1963 — para melhorar um pouco a forma, como afirmou André Breton. Também perguntou: “quem sou?” e mais ainda: “Nadja, quem é você?” A vida não coincide com a escrita. Como na suspensão do beija-flor, a verdade anda para a frente e para trás. Um turbilhão em forma de hélice e de velozes batimentos. Convulsivamente procura a beleza. >

< “O essencial reside nisto: não penso que para Nadja haja uma extrema diferença entre o interior e o exterior de um manicómio. Uma diferença existe, apesar de tudo, por causa do ruído incómodo de uma chave a dar a volta numa fechadura, da miserável vista do jardim, da sobranceria da gente que vos interroga quando nem sequer está à altura de vos engraxar os sapatos.(...) Só quem nunca entrou num manicómio não sabe que fazem lá os doidos, assim como nas casas de correcção fazem os bandidos.” (André Breton) >

<Imaginamos que ali, onde tudo começa, nos é oferecido o mistério das estações, o desatino dos corpos, a multidão cúmplice de uma estranha nave. Sobre Nadja, apenas sabemos que é um nome próprio na encruzilhada de infinitos caminhos. O baile que nasce. >





EQUIPAMENTOS FANTASMA (I.E. GHOST AMENITIES): UMA FORMA SUTIL DE DESIGN EXCLUENTE CARACTERIZADA PELA AUSÊNCIA INTENCIONADA DE RECURSOS QUE FACILITEM O CONVÍVIO OU PERMANÊNCIA PROLONGADA EM ESPAÇOS PÚBLICOS OU SEMIPÚBLICOS. NOS QUAIS A SUA APLICAÇÃO SERIA CONSIDERADA APROPRIADA OU NECESSÁRIA.

O CONCEITO DE EQUIPAMENTOS FANTASMA SURTE COMO EVOLUÇÃO NATURAL (E EXTREMA) DE ESTRATÉGIAS DE PLANEAMENTO URBANO MAIS CONHECIDAS, COMO A ARQUITETURA HOSTIL E O DESIGN DEFENSIVO, QUE VISAM INFLUENCIAR O COMPORTAMENTO HUMANO ATRAVÉS DE ELEMENTOS ARQUITETÔNICOS QUE FUNCIONEM COMO DISSUASORES DE DELINQUÊNCIA, MENDICIDADE, CONCENTRAÇÃO JUVENIL, VAGIAGEM E OUTRAS CONDUTAS SOCIAIS CONSIDERADAS IMPROPRIAS OU INCONVENIENTES. ESTAS ESTRATÉGIAS OPERAM ATRAVÉS DA INTRODUÇÃO DE ELEMENTOS DE INCOMODIDADE TAIS COMO SUPERFÍCIES INCLINADAS OU ACIDENTADAS, ESPIGÕES, ASSENTOS PROPOSITADAMENTE DESCONFORTÁVEIS, APARATOS PROEMINENTES DE VIDEOVIGILÂNCIA, LUMINÁRIAS INTENSAS, BARRERAS, QUITEIROS OU ATÉ OBRAS DE ARTE ESTRATEGICAMENTE POSICIONADAS, ENTRE OUTRAS FORMAS CRESCENTEMENTE CRIATIVAS DE OBSTRUÇÃO DO USO DO ESPAÇO PÚBLICO. ESTES AGENTES INÓSPITOS REPRODUZEM DINÂMICAS DE PODER PROBLEMÁTICAS E GERAM ENTORNOS CADA VEZ MAIS RÍGIDOS, PARANÓICOS E HOSTIS, QUE PROMOVEM UMA IMAGEM DISTORCIDA DA SOCIEDADE, HIGIENTIZADA E LIVRE DE DESCONFORTO SOCIAL.

ENTRE AS ESTRATÉGIAS DE PLANEAMENTO DEFENSIVO, OS EQUIPAMENTOS FANTASMA SÃO PROVAVELMENTE A FORMA MAIS IRÔNICA DE ORDENAÇÃO SOCIAL, NA QUAL RECURSOS PÚBLICOS SÃO DELIBERADAMENTE SUPRIMIDOS POR ANTECIPAÇÃO AO SEU USO INDEVIDO OU ABUSIVO. BANCOS, MESAS, ABRIGOS, BEBEDOUROS, LAVABOS, ESTAS E OUTRAS COMODIDADES SÃO OMITIDAS A FIM DE REPELIR EFICAZMENTE COMPORTAMENTOS, QUE LEGALMENTE

NÃO SÃO PROIBIDOS OU PUNÍVEIS, SEM PARA ISSO TER DE RECORRER A TÁTICAS VISIVELMENTE AGRESSIVAS DE COERÇÃO TÍPICAS DA ARQUITETURA HOSTIL. É PRECISAMENTE A CONDIÇÃO SUBVERSIVA E INVISÍVEL DOS EQUIPAMENTOS FANTASMA QUE LHES CONFERE UMA MAIOR CAPACIDADE DE COAÇÃO, AO COMPORTAR MENOS RISCO DE FERIR SUSCETIBILIDADES E, CONSEQUENTEMENTE, DE GERAR QUESTIONAMENTO OU REVOLTA PÚBLICA.

ESTAS FORMAS DE CENSURA URBANA DENUNCIAM UMA NEGLIGÊNCIA NÃO SÓ DAS RESPONSABILIDADES DE MANUTENÇÃO QUE QUALQUER UTILIZAÇÃO FELIZ DE UM ESPAÇO PÚBLICO ANTEVE, COMO TAMBÉM DAS NECESSIDADES BÁSICAS DE TODOS OS SEUS UTILIZADORES. NESTE SENTIDO, A ÂNSIA POR LIMITAR OU EXCLUIR UTILIZAÇÕES E UTILIZADORES INDESEJÁVEIS DOS NOSSOS ESPAÇOS PÚBLICOS REVELA-SE SUMAMENTE CONTRAPRODUCENTE AO ACABAR POR PRIVAR O CONFORTO DE TODOS.

MUITO EMBORA A AUSÊNCIA CARACTERÍSTICA DOS EQUIPAMENTOS FANTASMA SEJA ESPECIALMENTE EVIDENTE EM ESPAÇOS NOS QUAIS A SUA PRESENÇA SERIA EXPECTÁVEL, COMO PRACAS, ESTAÇÕES, PARQUES OU ZONAS VERDES, A SUA FALTA PODE IGUALMENTE SER SENTIDA EM ESPAÇOS NÃO TÃO ÓBVIOS, COMO MUSEUS DE ARTE CONTEMPORÂNEA E SALAS DE EXPOSIÇÃO, PAREDES BRANCAS, ILUMINAÇÃO FRIA E SILENCIOS ECOANTES, CONFEREM UMA ATMOSFERA CLÍNICA E INÓSPITA ÀS SUAS AMPLAS SALAS FACILMENTE MONITORIZADAS. SOB O PRETEXTO DE UMA RELAÇÃO "PURA" COM A ARTE, ESTES ESPAÇOS IMPOEM UMA SÉRIE DE REGRAS SUBLIMINARES A QUEM NELES ENTRA, GERANDO UM CONSTANTE ESTADO DE VIGILÂNCIA NATURAL. MUITO EMBORA SE PROCLAIMEM ESPAÇOS ABERTOS E PÚBLICOS, A SUA VONTADE DE ACOLHER CONFORTAVELMENTE UM PÚBLICO GRANDE E DIVERSO, OU DE PROMOVER UMA CONVIVÊNCIA MÚLTIPLA COM A ARTE, É FACILMENTE SUPLANTADA PELO ÍMPETO DE MANTER UM AMBIENTE LIMPO E AGRADEVELMENTE DESABITADO.

...TÁVEL...  
...IDA EM ESP...  
...MO MUSEUS...  
...E SALAS...  
...DE...

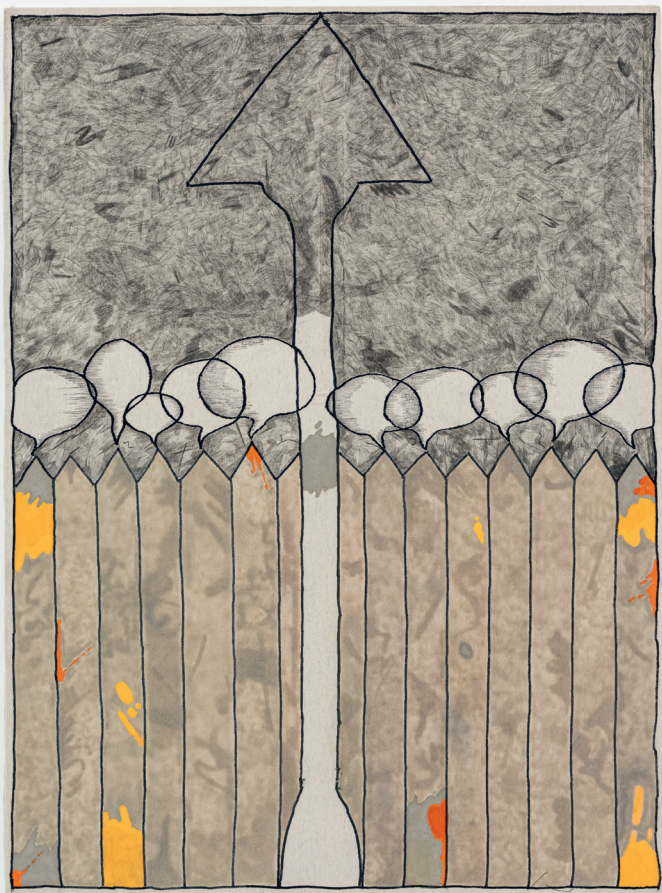


02



FRANCISCO VENÂNCIO





03

RÚBEN FERNANDES

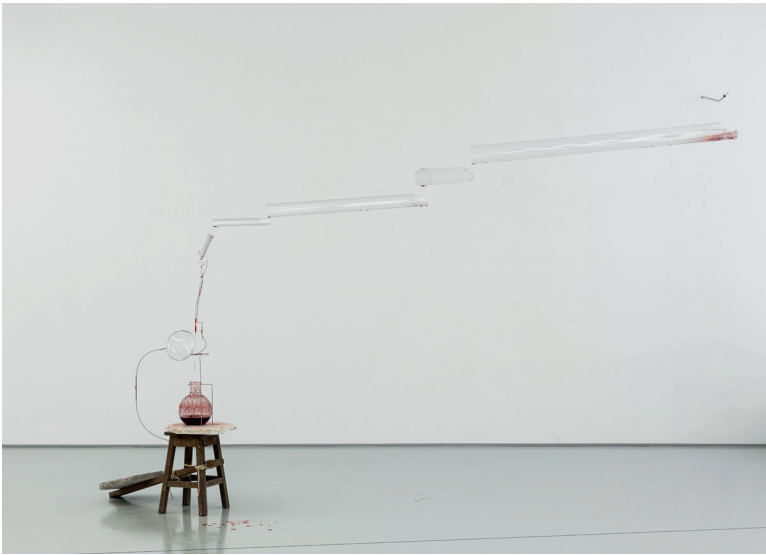
17



04

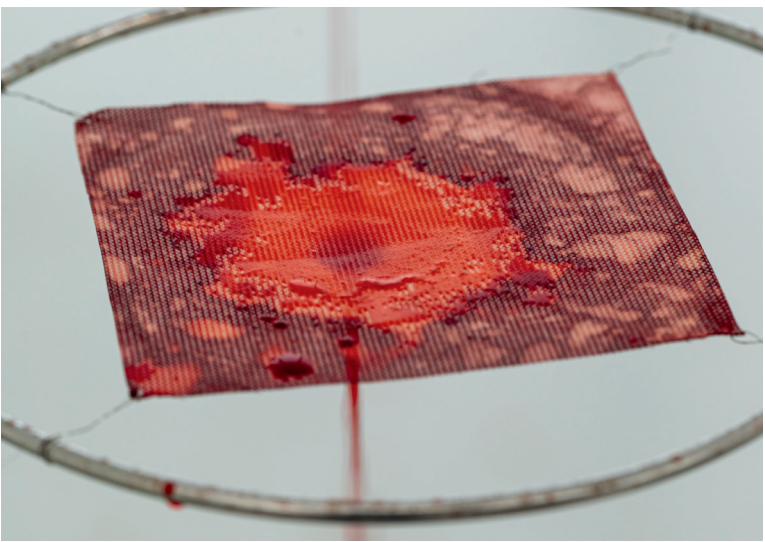
RÚBEN FERNANDES

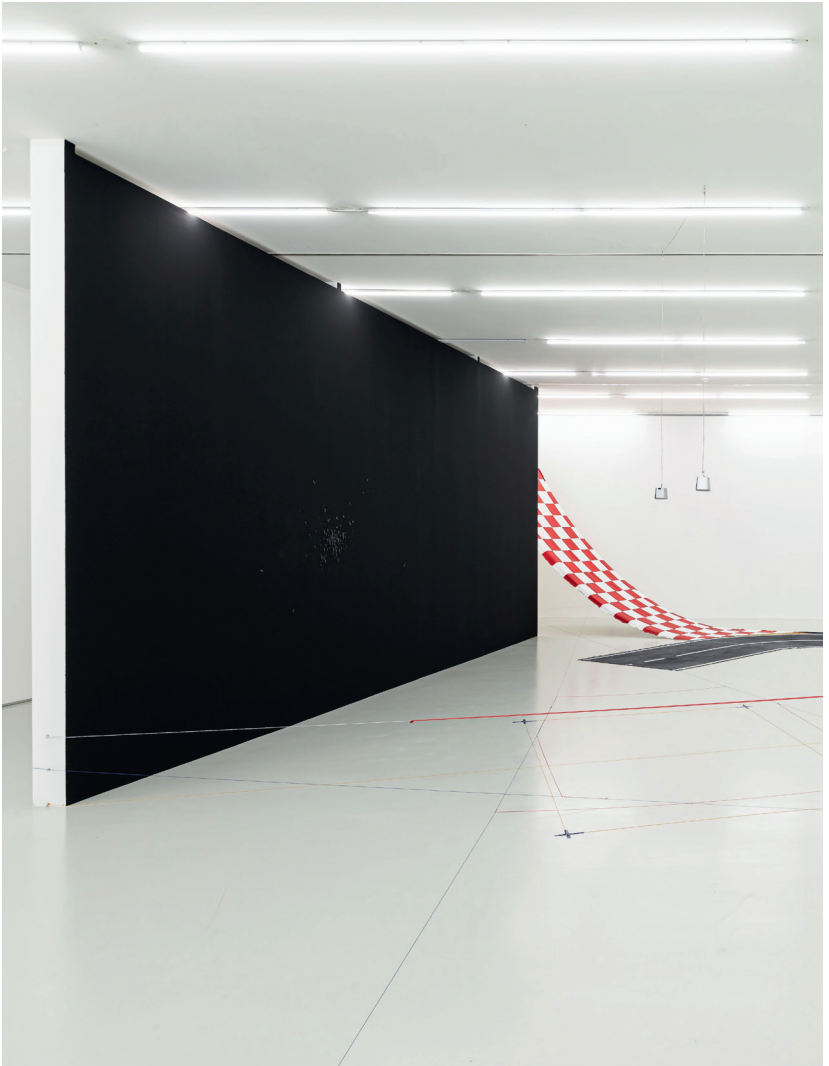




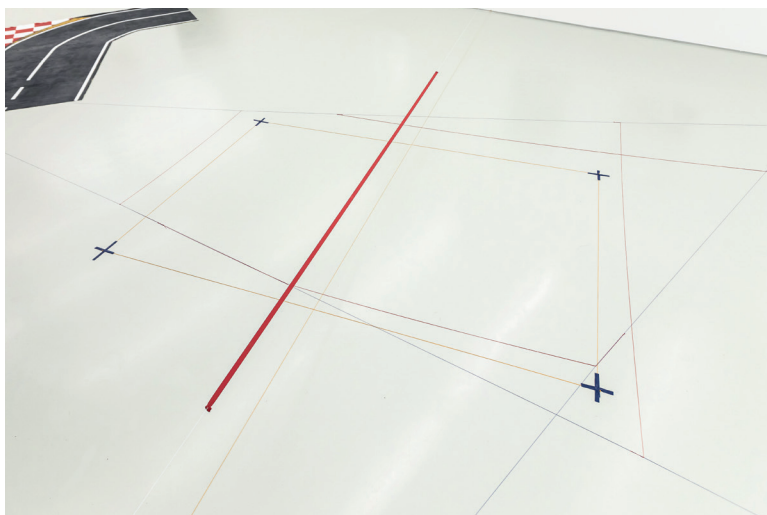
05

CARLOS MENSIL



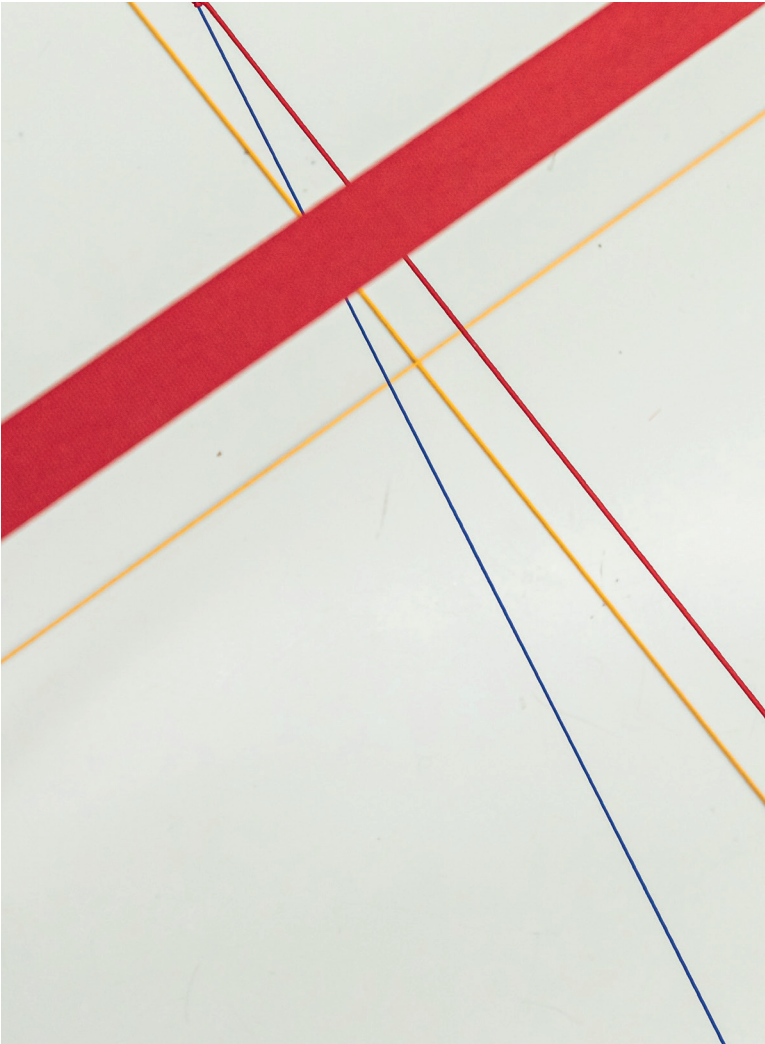






06

DIANA GEIROTO





07

PAULO MARIZ





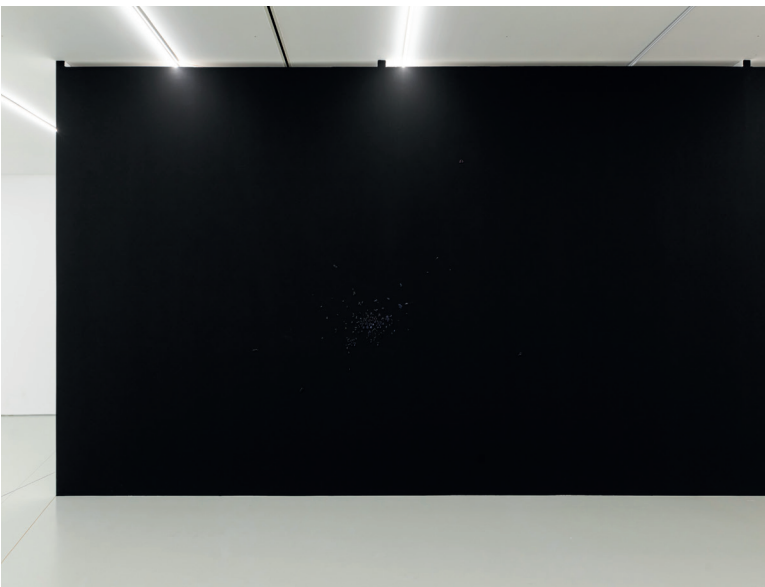


08



09

JORGE LOURENÇO





10

CAROLINA GRILO SANTOS









11

PATRÍCIA GERALDES

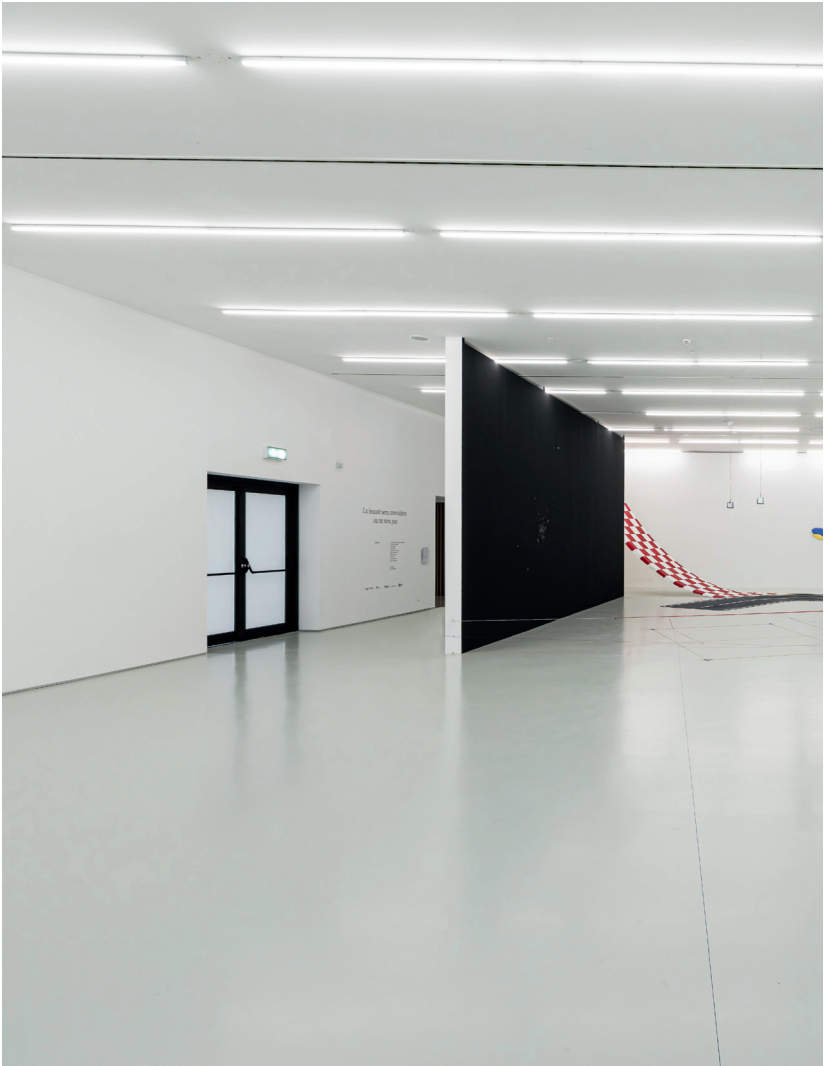




12

FRANCISCO MOURA RELVAS











Vencer por cansaço, Vencer o cansaço, audio-instalação de Diana Geirotto, coloca-nos perante um espaço de combate no qual a linguagem, os sons, os materiais, as imagens, se misturam, deslocam, confrontam, sobrepõem, dialogam e falham. O espaço resiste mas não impede — perfura todas as divisões, anula o direito e o avesso, inaugura a dispersão. Emerge à superfície, torna-se passagem da qual se desprende o perigo e a ameaça. A percepção não é suficiente para a acção, nada acaba e tudo se movimenta. Imperceptivelmente. A pura ordem da cilada. Entre as palavras e as coisas, o deslize e as infinitas possibilidades do mal entendido. As aventuras subterrâneas de Alice.

06 Vencer por cansaço, pág. 24 e 25  
Vencer o cansaço

Movimentando o discurso do seu território habitual, *Glimpses of Beauty*, de Paulo Mariz, situa a fotografia no domínio de uma práxis crítica, questionando a natureza indiciária da imagem, o valor absoluto da realidade e a suposta transparência do medium. Arriscando outros espaços de mediação a “prova” fotográfica dá lugar à descontinuidade e à falha, esbatendo as fronteiras entre arte e documento. Através da construção de um imaginário do quotidiano — no qual as marcas do tempo e as condições de existência se tornam uma só — o arquivo subtrai-se a um mero inventário de objectos e discursos ou à conservação do passado. É o mais ínfimo acontecimento que, objectivando a fragilidade da experiência, a torna inseparável do acto que a faz ser.

07 *Glimpses of beauty* pág. 26 e 27

O corpo está ali, pesado como tudo o que oculta em si mesmo. Percorre espaços devastados mas capazes de ressuscitar a leveza dos anjos. A imagem procura a luz clara e onírica. Encontra o tempo na eternidade. O fluido da cor que as inquietas manchas de óleo desenham e que o cintilante pó de sereia transforma em labaredas ondulantes, antecipa o soberano imaginário dos deuses. A pintura avança através de múltiplas formas, desejando quem a vê, habitando a tranquilidade de um abismo que se fecha a tudo o que se expõe. É o fogo e o líquido em erótica metamorfose, *le rouge et le noir* em todas as cores, o amor e a morte ou o estado de Encantamento que a obra de Jorge Lourenço exige, prolongada e demoradamente, ao olhar.

09 Encantamento pág. 30 e 31

sempre que me partem o coração, é do lado direito — instalação de Carolina Grilo Santos — convoca um território que não procura arrumar a cor e a forma nas entranhas do subterrâneo. O espaço suspenso é atravessado pelo corpo inquieto. Se a grandiosidade do vazio aspira à eternidade da leveza, é a força da extensão que impede o avanço para um qualquer lugar — como se a impossibilidade de prosseguir se transmutasse na representação da própria viagem. Neste caminho, que não se enuncia como garantia do verdadeiro, nada há para contar, apenas a abertura que liga a terra e o céu, o mar e o deserto, o simbólico e o imaginário à estranheza do abandono, um percurso que repousa no solo agitado e no qual, intensamente, o coração se fixa em silêncio.

10 sempre que me partem o coração, pág. 32 e 33  
é do lado direito

Fio e Pedra, de Patrícia Geraldès, expande o gesto modelador do trabalho da artista na mesa do atelier. A espacialização de longas pétalas da flor de cacto que o fio de linho aproxima e suspende, poderiam ser dentes, ossos ou até personagens das Cartas Persas — um outro tempo e material disponíveis para novas transformações. É no espaço expositivo que delicados e assimétricos

fragmentos de porcelana tomam a forma de proposições arqueológicas desenhando memórias da natureza e de sons do Oriente. Rastos difusos, fragmentos inseparáveis, marcas inconstantes. Entre a história e o devir, a experiência da finitude e a memória, uma singular beleza melancólica encontra o seu refúgio em flores que acolhem a aproximação à origem.

11 Fio e Pedra

pág. 36 e 37

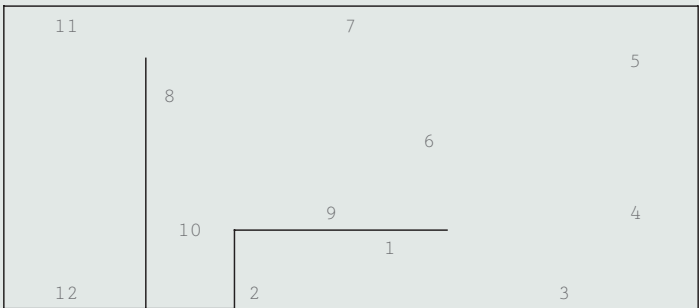
A partir do discurso formulado no interior do dispositivo da sexualidade, Cena 7 — excerto do filme *Atlântida* — Francisco Moura Relvas, constrói um programa artístico que reivindica a libertação da vigilância do poder sobre os corpos e os enunciados. Num ambiente distópico, misterioso e apocalíptico, o corpo é reclamado como terreno vital para a inteligibilidade da diferença — é no centro da ilha que “podemos fazer tudo o que sempre quisemos”. O apelo a forças de resistência que as relações de poder ocultam, tornam a alteridade inegociável. Confrontando-nos com a acção repressiva, o filme questiona o sexo como lugar de domesticação do heterogéneo que os discursos e instituições fabricam, assim projectando a natureza como cenário para o fim do juízo.

12 Cena 7

pág. 38 e 39



- 01  
GHOST AMENITIES  
Impressões digitais de grande formato sobre papel fotográfico mate intervencionadas com corrector tipex.  
185 x 270 cm, 2023  
ACCA - ANDRÉ COVAS  
E CARMO AZEREDO
- 02  
YESTERDAY'S PUDDLES II  
Alumínio fundido.  
77,5 cm, 2023  
FRANCISCO VENÂNCIO
- 03  
REPLETO E NÃO DITO  
Desenho em linha sobre tecido, esmalte e acrílico (aerógrafo) sobre tecido.  
140 x 105 cm, 2023  
RÚBEN FERNANDES
- 04  
ENTRE-CORPO  
Cana de pesca, corda sobre tecido.  
Dimensões variáveis, 2023  
RÚBEN FERNANDES
- 05  
PRODUTO LÍQUIDO  
Tubo de alumínio, película de PVC, funil, tubos de borracha, balão de vidro, água destilada com corante alimentar, aço inoxidável, lente fresnel, ligadores, tecido não tecido, banco de madeira, barrote, mármore, cimento, corda, fio de nylon, bomba peristáltica, componentes eletrônicos e garrafão.  
Dimensões variáveis, 2023  
CARLOS MENSIL
- 06  
VENCER POR CANSAÇO,  
VENCER O CANSAÇO.  
Audio-instalação.  
Faixa stereo 3'40", loop.  
Elástico azul, elástico vermelho, elástico amarelo, elástico branco.  
Dimensões variáveis, 2023  
DIANA GEIROTO
- 07  
GLIMPSES OF BEAUTY  
Transferência para película autocolante, papel prata mylar, ímans.  
90 x 120 cm (cada) 2023  
PAULO MARIZ
- 08  
OOPS, I DROPPED THE CRAYON  
Massa de poliéster, tinta de spray, verniz.  
122 x 49 x 6,5 cm, 2023  
FRANCISCO VENÂNCIO
- 09  
ENCANTAMENTO  
Resina epoxy e pó de sereia.  
Dimensões variáveis, 2023  
JORGE LOURENÇO
- 10  
SEMPRE QUE ME PARTEM O CORAÇÃO, É DO LADO DIREITO  
Acrílico s/ pano cru.  
1000 x 400 cm, 2023  
CAROLINA GRILO SANTOS
- 11  
FIO E PEDRA  
Porcelana e fio de linho.  
Dimensões variáveis, 2023  
PATRÍCIA GERALDES
- 12  
CENA 7  
Video, cor/som. 5'37".  
2023  
FRANCISCO MOURA RELVAS



#### AGRADECIMENTOS

Alexandra Rafael; Filipe Mendes;  
Francisco Bartilloti; Estúdio  
Plata; João Pedro Trindade; Gil  
Madeira; Guilherme Braga da Cruz;  
Margarida Oliveira; Teresa Arega;  
Pedro Lopes; Victor Santos.

#### FOTOGRAFIAS

Adriano Ferreira Borges  
por cortesia de FORUM ARTE BRAGA

#### TEXTOS

Eduarda Neves

#### DESIGN

Paulo Mariz  
www.paulomariz.com

#### EDIÇÃO

50 exemplares

#### IMPRESSÃO

AJNET, Maia, Portugal

#### PAPEL

Edixion 80g  
Rives Design 120g



centro de estudos arnaldo aráujo

Este trabalho é co-financiado  
por fundos nacionais através  
da FCT - Fundação para a Ciência  
e a Tecnologia, I.P., no âmbito  
dos projetos UIDB/04041/2020  
e UIDP/04041/2020 (Centro de  
Estudos Arnaldo Araújo)

This work was co-funded by  
national funds through FCT -  
Fundação para a Ciência e a  
Tecnologia, I.P., within  
the projects UIDB/04041/2020  
and UIDP/04041/2020 (Arnaldo  
Araújo Research Centre)



CULTURA



Campanice  
Rua Anselmo Braancamp,  
529 4000-094 Porto

[www.instagram.com/campa.nice](https://www.instagram.com/campa.nice)